



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 06 – Ano III – 10/2014
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil

Prof^a. Dr^a. Idalena Oliveira Chaves

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil

Professora Assistente do Departamento de Estudos Brasileiros –

Hankuk University of Foreign Studies (HUFS) Yongin, South Korea¹

<http://lattes.cnpq.br/6208438834313089>

E-mail: idalenahufs@gmail.com

Resumo: Este artigo é parte da minha tese de doutoramento, defendida em 2013, orientada pelo Prof. Dr. Seung Hwa Lee. Investigamos os resultados das análises das pesquisas em nível de mestrado e doutorado realizadas no período de 1980 a 2012, sobre as vogais médias em posição pretônica no português brasileiro, que ora se realizam como [e ~ ε ~ i] e [o ~ ɔ ~ u], em vários dialetos do Brasil. A pesquisa teve como suporte uma metodologia denominada de Síntese de Pesquisas (NORRIS E ORTEGA, 2006) e o recurso estatístico da meta-análise (GLASS, 1977). Discuto os resultados das investigações sobre o vocalismo pretônico que tiveram como suporte a teoria da variação, referenciada por WILLIAN LABOV, nas décadas de 60 e 70. Foram utilizadas como referências 28 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado, contemplando quase todas as regiões brasileiras.

Palavras-chave: Vogais Pretônicas. Meta-análise. Variação.

¹ Este artigo recebeu apoio financeiro do Programa de Pesquisa da Hankuk University of Foreign Studies de 2014 (This article was supported by Hankuk University of Foreign Studies Research Fund of 2014).

Introdução

A variação das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica no Português do Brasil² tem despertado grande inquietação entre os pesquisadores da área da Linguística, a julgar pela alentada produção acadêmica sobre o tema. Afora os escritos de menor fôlego, consubstanciados sob a forma de artigos, são muitas as dissertações de mestrado e as teses de doutorado existentes sobre o tema, a maioria delas ancoradas nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa, particularmente na Teoria da Variação.

Em decorrência da multiplicidade dos trabalhos voltados a investigar os fatores que favorecem essa variação e das perspectivas de análises neles empregadas, proponho-me a fazer, no presente estudo, a meta-análise das dissertações e teses apresentadas no País no período de 1980 a 2012, a fim de obter a melhor síntese possível das informações já disponíveis. Esse estudo meta-analítico é baseado na metodologia de síntese de pesquisas (*research synthesis*) proposta por Cooper e Hedges (COOPER E HEDGES, 2009).

Nesse sentido, recorro à investigação de caráter bibliográfico³ para, num primeiro momento, inventariar e sistematizar os resultados das pesquisas sobre as vogais pretônicas e, posteriormente, submetê-los a tratamento estatístico. A compreensão do estado do conhecimento sobre o que tem sido feito, em termos de pesquisas, sobre as vogais pretônicas é necessária, neste momento, tendo em vista a proliferação dos estudos sobre a temática desde os anos 80. Vale dizer que o perfil dos estudos sobre as vogais pretônicas não mudou muito nas últimas décadas, embora o número de trabalhos tenha aumentado consideravelmente a partir do ano 2000, como observa-se nos quadros abaixo:

² Pesquisas dessa natureza são de grande importância, pois nos conduzem à compreensão do estado alcançado pela ciência a respeito de determinado assunto, sua extensão, as tendências teóricas e as vertentes metodológicas.

<i>Dissertações/ tese</i>	<i>Autor (a)</i>	<i>Dialeto estudado</i>	<i>Ano de conclusão</i>	<i>Suporte teórico</i>	<i>Tipo de trabalho</i>	<i>Instituição Orientador(a)</i>
1-Vogais antes de acento em Ribeirópolis	MOTA, Jacyra Andrade	SE Sergipe	1979	Fonologia Gerativa	Dissertação	UFBA Orientador: Nelson Rossi
2-Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus *Trabalho não lido	SILVA, Rita de Cássia B. Cunha	PA Manaus	1980	Não explicitado	Dissertação	PUC-RJ
3-Harmonização vocálica: uma regra variável	BISOL, Leda.	RS Porto Alegre	1981	Teoria da variação	Tese	UFRJ Orientador: Antony J. Naro
4-Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem Sociolinguística	VIEGAS, Maria do Carmo.	MG Belo Horizonte	1987	Teoria da variação	Dissertação	UFMG Orientador: Marco A.. de Oliveira
5-As pretônicas no falar Baiano: a variedade culta de Salvador.	SILVA, Myrian Barbosa da	BA Salvador	1989	Teoria da variação	Tese	UFRJ Celso Ferreira da Cunha

Quadro 1- Quadro das teses e dissertações sobre as vogais médias pretônicas na Brasil década de 80

<i>Dissertações/ tese</i>	<i>Autor (a)</i>	<i>Dialeto estudado</i>	<i>Ano de conclusão</i>	<i>Suporte teórico</i>	<i>Tipo de trabalho</i>	<i>Instituição/ Orientador(a)</i>
1.As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora	CASTRO Elzimar Cesar de	MG Juiz de Fora	1990	Teoria da variação	Dissertação	UFRJ Orientador(a) Yonne De Freitas Leite
2- Aspectos fonéticos-fonológicos da fala de Belém	NINA Terezinha de Jesus de Carvalho	PA Belém	1991	Teoria da variação	Tese	UFRJ Orientador(a): Dinah Callou
3.A elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha.	BATTISTI Elisa	RS Porto Alegre	1993	Teoria da variação e fonologia autosssegmental	Dissertação	UFRGS Orientador(a): Leda Bisol
4.As vogais médias pretônicas no falar culto carioca	YACOVENC O, Lilian Coutinho	RJ Rio de Janeiro	1993	Sociolinguística quantitativa	Dissertação	UFRJ Orientador(a): Dinah Callou
5. A Harmonia Vocálica Em Dialeto Do Sul Do País: uma Análise Variacionista	SCHWINDT Luiz Carlos da Silva	RS Porto Alegre Florianópolis Curitiba	1995	Teoria da variação	Dissertação	PUCRS Orientador(a): Leda Bisol
6. O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha	AMARAL Luís I. C.	RS Piratini	1996	Teoria da variação Geometria de traços	Dissertação	UCEPEL Orientador(a): Carmem L. Matzenauer Hernandorena
7.As vogais médias pretônicas na fala pessoense urbana	PEREIRA, Regina C. M	PB João Pessoa	1997	Teoria da variação	Dissertação	UFPB Orientador(a): Demerval da Hora

Quadro 2- Quadro das teses e dissertações sobre as vogais médias pretônicas no Brasil Década de 1990-1997

Dissertações/ tese	Autor (a)	Dialeto estudado	Ano de conclusão	Suporte teórico	Tipo de trabalho	Instituição/ Orientador(a)
1-As Vogais Médias Pretônicas No -Falar Da Cidade De Bragança	Freitas, Simone Negrão De	PA Bragança	2001	Sociolinguística Quantitativa	Dissertação	UFPA Orientador: Abdelhak Razky
2.O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais	Viegas, Maria do Carmo	MG-Belo Horizonte	2001	Difusão lexical	Tese	UFMG Orientador: Marco Antônio De Oliveira
3.As Vogais Médias Pretônicas Na Fala Culta De Nova Venécia – Es	Gianni Fontis Celia	ES-Nova Venécia	2004	Sociolinguística	Dissertação	UNICAMP Orientadora: Maria Bernadete Abaurre
4.As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano	Soares, Adriana Santana	BA Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio	2004	Teoria da Variação	Dissertação	UFBA Orientadora: Myrian Barbosa da Silva
5.Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense - uma abordagem variacionista.	Rodrigues, Doriedson do Socorro	PA Cametá	2005	Teoria da Variação	Dissertação	UFPA Orientadora: Regina C. F. Cruz
6.As Vogais Médias Pretônicas Em Situação De Contato Dialeto	Marques, Sandra Maria Oliveira	RJ Rio de Janeiro	2006	Contato Dialeto	Tese	UFRJ Dinah Callou
7.Variação Das Vogais Médias Em Posição Pretônica Nas Regiões Norte E Sul De Minas Gerais: Uma Abordagem À Luz Da Teoria Da Otimidade	Rubens Vinícius Martins Guimarães	MG Três Corações Lavras Bom Sucesso Montes Claros Bocaiuva Mirabela	2006	Teoria Otimidade	Dissertação	UFMG Orientador: Seung Hwa Lee
8.Alçamento Das Vogais Médias Pretônicas Sem Motivação Aparente	Patricia Klunck	RS Porto Alegre	2007	Teoria Da Variação	Dissertação	PucRS Orientadora: Leda Bisol
9. As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza: uma abordagem variacionista	Aluiza Alves de Araújo	CE Fortaleza	2007	Teoria da variação	Tese	UFCE Orientadora: Maria do Socorro Silva Aragão
10.As vogais no dialeto do sertanejo da região de Balsas-MA	Maria Célia Dias De Castro	MA Balsas	2008	Linguística histórica/ T.variação/ geolinguística	Dissertação	UFG/ Orientadora: Maria Sueli de Aguiar
11. Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-Pará	Benedita Maria do Socorro Pinto Campos	PA Mocajuba	2008	Sociolinguística quantitativa	Dissertação	UFPA Orientadora: Regina C. F. Cruz
11.A Variação Das Vogais Médias Pretônicas No Falar Dos Mineiros.	Melina Rezende Dias	MG Piranga E De Ouro Branco	2008	Teoria Da Variação E Mudança	Dissertação	UFMG Orientadora: Maria do Carmo Viegas
12.A Fala De Formosa/Go: A Pronúncia Das Vogais Médias Pretônicas	Geruza Graebin	GO Formosa	2008	Modelos: Neogramático, Difusionistae Teoria De Exemplares	Dissertação	UNB Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre

13.As Vogais Médias Pretônicas Em Pará De Minas: Um Caso De Variação Linguística	Vanessa Faria Viana	MG Pará de Minas	2008	Teoria Da Variação	Dissertação	PUC-MG Orientador Marco Antônio de Oliveira
14.As vogais médias em posição pretônica nos nomes do dialeto de Belo Horizonte	Marlúcia Maria Alves	MG Belo Horizonte	2008	Teoria da Otimalidade	Tese	UFMG Orientador: Seung Hwa Lee
15.A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis	Luciana de F. Almeida	MG Machacallis	2008	Teoria da Variação	Dissertação	UFMG Orientadora: Maria Do Carmo Viegas
16- As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista	Ana Amélia Menegasso da Silveira	SP São José do Rio Preto	2008	Teoria da Variação	Dissertação	UNESP São J.do R.Preto Orientadora: Luciani Ester Tenani
17- Vogais pretônicas /e/ e /o/: um estudo em tempo aparente	Direcel Aparecida Kailer	PR Pato Branco Foz do Iguaçu	2008	Sociolinguística Quantitativa	Tese	Unesp Araraquara Orientadora: Marymarcia Guedes
18- o alçamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo	Luciana Camargo Zani	SP São Paulo	2009	Fonologia lexical	Dissertação	USP Orientadora: Raquel Santana Santos
19- Márcia Cristina do Carmo	As vogais médias na fala culta do interior paulista	SP São José do Rio Preto	2009	T. variação, geometria de trações e autos-segmental	Dissertação	UNESP São J.do R.Preto Orientadora: Luciani Ester Tenani
20. O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife	Gustavo da Silveira Amorim	PE Recife	2009	Teoria da variação	Dissertação	UFPE Orientadora: Stella Telles
21.As pretônicas na fala teresinense	Ailma do Nascimento Silva	PI Teresina	2009	Teoria da Variação	Tese	PUC RS Leda Bisol
23.As vogais médias pretônicas de Porto Alegre: um estudo sobre o alçamento sem motivo aparente	Marion Costa Cruz	RS Porto Alegre	2010	Teoria da variação	Dissertação	PUC RS Cláudia Brescancini
24. As pretônicas E e O no português do Brasil e no português europeu	Sérgio Drummond Madureira Carvalho	Brasil	2010	Teoria da Variação	Tese	UFRJ Orientadora: Silvia Figueiredo Brandão
25. A variação fonética das vogais médias Pré e pós-tônicas na variedade linguística de Montes Claros	Patrícia Goulart Tondineli	MG Montes claros	2010	Teoria da Variação	Dissertação	Puc-Minas Orientador: Marco Antônio de Oliveira
26. Apagamento de vogais pretônicas no POBH- norma culta	Aline Rabelo Assis	MG Belo Horizonte	2010	T.variação, Teoria dos processos fonológicos	Dissertação	UFMG Orientador: José Olímpio Magalhães
27.O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo	Shirley Vieira	ES Vitória	2010	Geografia Linguística Sociolinguística	Dissertação	UFSC Orientador: Felício Wessling Margotti
28. O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano	Allyne Garcia Bisinotto	MG Ituiutaba-	2011	Teoria da variação	Dissertação	UFU Orientador: José Sueli Magalhães
30.O Alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/RS:harmonia vocálica	Márcia Eliane Da Silva	RS São José do Norte-	2012	Teoria da variação	Dissertação	UFRGS Gisela Collischonn

Quadro 3 – Quadro das teses e dissertações sobre as vogais médias pretônicas no Brasil -
Década de 2010-2012

A urgência em ordenar o conjunto de informações e resultados já obtidos, para que se possa indicar outras possibilidades de investigações, identificar duplicações ou contradições nos estudos, bem como determinar possíveis lacunas, nos impôs traçar esse panorama dos estudos sobre os dois fenômenos que envolvem as pretônicas: alçamento e abaixamento.

O presente estudo enfrentou vários desafios, a começar pela necessidade de vencer o estigma de ser “mais uma pesquisa” sobre as vogais pretônicas. Deparou-se, ainda, com a dificuldade de mapear e discutir mais de quarenta trabalhos acadêmicos extensos nos estreitos limites de escrita de uma tese. Ousou, por fim, apresentar propostas para a continuação das pesquisas sobre o tema. Para tanto, busca responder às questões que deram origem ao mapa conceitual (figura 1 da seção seguinte), quais sejam: Que abordagem teórica deu mais sustentação aos estudos? Há regularidade na variação da pretônica? Se há, como ocorre? Há diferença entre a clássica divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (NASCENTES, 1953) e os resultados dessas pesquisas mais recentes? Quais foram os resultados apresentados nas pesquisas variacionistas nesses últimos 30 anos e o que há de comum entre elas?

O que é mais relevante nos estudos: os fatores linguísticos ou os fatores não linguísticos?

1. Panorama dos estudos sobre as vogais pretônicas

A variação no quadro vocálico do português do Brasil (PB) tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, tanto em grupos de pesquisas (Probravo⁴) quanto em trabalhos individuais como Bisol (BISOL, 2003) Callou e Leite (CALLOU e LEITE, 1986, 1991), Wetzels (WETZELS, 1991, 1992, 1995), Oliveira (OLIVEIRA, 2008,

³Grupo de Pesquisa sobre a Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil) - que realiza uma investigação multidisciplinar – sócio-histórica e linguística – para descrever as realizações fonéticas das vogais nos dialetos do Sul ao Norte do Brasil, envolvendo 17 universidades dessas regiões. (relin.lettras.ufmg.br/probravo)

2011, 2013), Lee (LEE,2006). Nos trinta anos de pesquisas contemplados aqui, tivemos um número significativo de estudos sobre as nossas vogais, tanto no que diz respeito à posição tônica, pretônica ou pós-tônica. Diferente do que ocorre no português europeu (PE), em que há uma tendência ao apagamento das vogais, no português do Brasil (PB) elas se mantêm fortes, principalmente na posição pretônica.

Dentre as várias pesquisas analisadas, boa parte delas foi realizada com base na teoria da variação e como tal, destacam fatores linguísticos e sociais que possam influenciar o fenômeno em estudo, no nosso caso, a variação vocálica. Estes trabalhos apresentam grupos de fatores que foram selecionados para observar a ocorrência da vogal pretônica. Alguns representam a escolha dos pesquisadores e acabam se repetindo em muitas pesquisas. A distância entre a vogal tônica e a pretônica, por exemplo, foi um dos fatores selecionados e é analisada em treze das 29 dissertações estudadas; o gênero, outro fator muito investigado, está presente em 21 dissertações. É nesse ponto que se insere a técnica de meta-análise. O fato de haver uma quantidade de pesquisas de cunho sociolinguístico, abordando a mesma questão ou analisando o mesmo fator, seja linguístico ou social, acaba gerando dificuldades na seleção do melhor estudo como referência para pesquisas futuras ou mesmo sobre a melhor análise do fenômeno em estudo. A combinação dos resultados obtidos com a meta-análise gerou um gráfico (gráfico 1) denominado de *Forest Plot* que nos possibilitou visualizar os resultados dos vários estudos, que discutem o mesmo fenômeno.

É nesse ponto que se insere a técnica de meta-análise. O fato de haver uma quantidade de pesquisas de cunho sociolinguístico, abordando a mesma questão ou analisando o mesmo fator, seja linguístico ou social, acaba gerando dificuldades na seleção do melhor estudo como referência para pesquisas futuras ou mesmo sobre a melhor análise do fenômeno em estudo. A combinação dos resultados obtidos com a meta-análise gerou um gráfico (figura 1) denominado de *Forest Plot* que nos possibilitou visualizar os resultados dos vários estudos, que discutem o mesmo fenômeno.

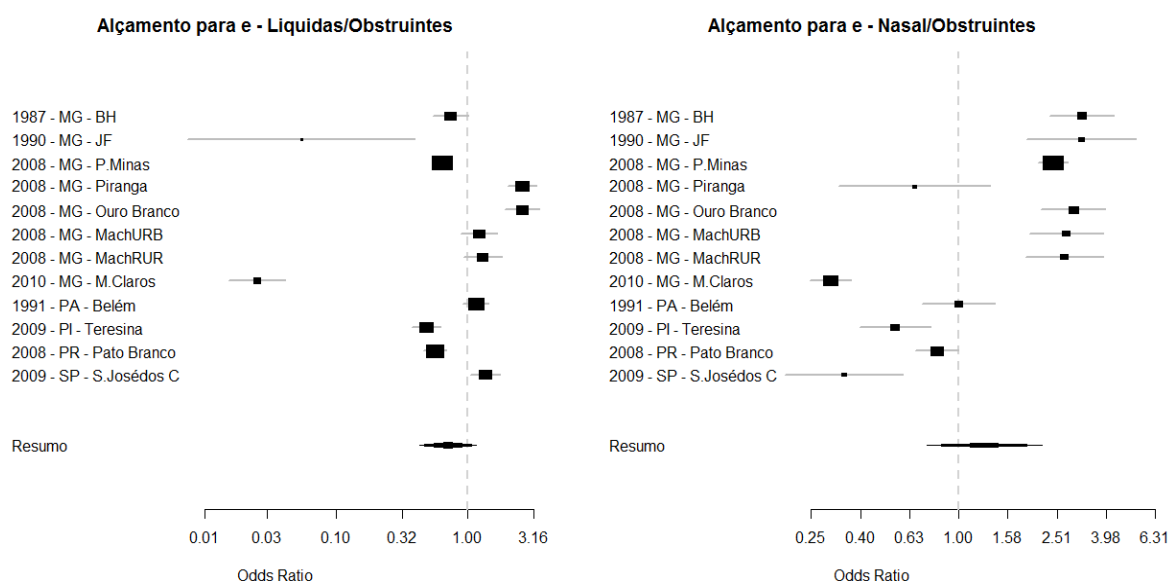


Figura 1- Exemplo do gráfico *Forest Plot*

Esses gráficos foram gerados para mostrar a significância dos estudos individualmente. Para cada estudo, o gráfico *Forest Plot* apresenta a medida de efeito e seu intervalo de confiança, sendo tal medida representada por um quadradinho. O tamanho do quadradinho é proporcional ao peso do estudo. Quanto maior o peso, maior o tamanho do quadradinho, como se pode observar na análise para o alçamento vocálico de “e” em relação às consoantes líquidas e obstruentes na pesquisa sobre o dialeto de Pará de Minas – MG (2008).

A dimensão do quadradinho e a extensão da linha dependem da homogeneidade dos dados em cada estudo. O quadradinho maior e quase sem linha indica que o estudo possui dados mais homogêneos do que os casos em que o quadradinho é menor e a linha mais extensa.

Há ainda a medida de efeito na linha horizontal que é o intervalo de confiança 95% para o *odds ratio* (isto é, a razão de chance de ocorrência do fenômeno) estimado de cada estudo. A linha vertical mostra a variabilidade dos estudos. Se essa linha horizontal atravessa a linha vertical pontilhada, lê-se que os fatores não foram significativos no estudo. Amostras relativamente pequenas trazem menor precisão e, conseqüentemente, intervalos de confiança com maior amplitude. A linha pontilhada mostra onde seriam representados *odds ratio* iguais a 1, que

indicam a ausência de uma associação entre os fatores analisados e a variação (alçamento ou abaixamento).

A figura 1, representa a análise do *odds ratio* representado à esquerda desta linha evidenciando que a variação é mais propensa a ocorrer quando a vogal vier precedida de líquidas. O *odds ratio* (OR) representado à direita do pontilhamento evidencia que a variação tem maior propensão de ocorrer se a vogal estiver precedida de obstruintes. O fato de a linha pontilhada ficar mais à esquerda ou à direita depende somente da escala que o próprio gráfico utilizou (lembrando que a linha vertical sempre está marcando o valor de $OR = 1$). Se a maioria dos estudos indica uma OR maior que 1, então é esperado que a linha vertical pontilhada esteja mais para a esquerda. Se a maioria dos estudos indica uma OR menor que 1, então é esperado que a linha esteja mais para a direita do gráfico. Na primeira coluna, à esquerda, como mostrado na tabela anterior, são listados os estudos, rotulados por local onde foram coletados os dados e ano de defesa da pesquisa.

No gráfico, observa-se que, em relação ao modo de articulação, quanto mais próximo da linha pontilhada, menos significativo, quanto mais longe, mais significativo. Se cruzar a linha pontilhada indica que o fator não é significativo no estudo. Ao final da linha pontilhada, há outra marca, denominada de “diamante”. Essa marca resume o nível de significância de todos os estudos. Se cruzar a linha pontilhada, ela mostra que, de modo geral, aquele fator não é significativo. Se em alguns estudos há significância e em outros não, o diamante representa o resumo, indicando se há significância nos estudos como um todo.

Então, para líquidas e obstruentes, há mais estudos que mostraram significância do que aqueles que não mostraram significância, caso do estudo de Castro (1990, p. 173) para o dialeto de Juiz de Fora (MG). Isso está relacionado à baixa ocorrência de líquidas nos seus dados, como se pode observar pelo tamanho do quadradinho. Em Montes Claros (MG), a pesquisa de (TONDINELLI, 2010, p. 101) mostra que não houve diferença significativa entre esses fatores. O quadradinho maior representa o peso relativo entre nasais e obstruintes, mas é o diamante que revela se essa variável é relevante, de forma geral, para a variação da pretônica.

Na linha de saída dos resultados aparece o teste para a medida de efeito: o *odds ratio*, que apresenta a chance de ocorrer alçamento em um grupo comparado com outro grupo. Com um $p < 0,001$, mostrado na tabela “estimador resumo” (Figura 2), pode-se dizer que o OR é bastante significativo.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquidas/Obstruinte	0,42	0,26	0,68
Nasal/Obstruinte	1,12	0,48	2,61
Nasal/Líquidas	2,68	1,47	4,90

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 2 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte

Com essas medidas de efeitos, tem-se a informação de que não existe diferença significativa para o alçamento entre obstruintes e líquidas e obstruintes e nasais no contexto modo precedente. Já entre líquidas e nasais existe significância, como mostra a tabela do estimador resumo para [e] e [o]. As nasais são mais sensíveis ao alçamento, o que significa que, se as vogais /e/ e /o/ estiverem logo depois de uma consoante nasal, é esperado um alçamento: *morcego, amolecer, monitor, moqueca, amendoim, menino, melhor mexerica, mexido*.⁵ E assim sucessivamente foi realizado com todas as teses ou dissertações que tiveram os mesmos fatores selecionados (linguísticos e não-linguísticos)

Desta forma em um só estudo foi possível convergir os resultados das teses e dissertações que investigaram as vogais médias pretônicas conforme já explicitado. A análise nos permitiu verificar as diferenças metodológicas e explicar possíveis divergências encontradas nos resultados. Ressaltamos que nenhuma meta-análise pode compensar as limitações inerentes aos estudos em que se baseia, uma vez que esses podem apresentar erros tanto na análise quanto na computação dos dados. Há ainda uma restrição em relação aos dados, pois há como er acesso

⁵Dados extraídos das pesquisas de Viegas (2001) e Klunk (2010).

aos dados completos de cada estudo, então, nos limitamos ao que foi apresentado pelo pesquisador, tanto por não termos os dados coletados, tanto por eles próprios poderem ter falhas, comuns em qualquer tipo de pesquisa

Por fim, reforço que as medidas encontradas neste estudo meta- analítico são produtos de uma amostra que representa cada dialeto estudado, cujo principal objetivo foi traçar um panorama das pesquisas que vem sendo realizadas nos últimos anos, a fim de direcionar o foco de análise para novas pesquisas, bem como mostrar, dentre os fatores analisados, quais são mais relevantes na variação vocálica.

Esta pesquisa mostrou que há vários estudos muito parecidos na abordagem sobre o sistema pretônico medial e que, também, é um dos aspectos da língua portuguesa, relacionado às vogais, que mais foram explorados na literatura. As vogais pretônicas, no português do Brasil, têm realizações variadas. É um fenômeno linguístico disparado por processos fonológicos de assimilação ou redução vocálica.

Não encontrei uma explicação única para a variação pretônica, mas as pesquisas apontam que o ambiente fonético e a altura da vogal são grandes favorecedores das alternâncias sofridas pelas vogais em várias regiões do Brasil- ou se tornas baixas ou altas -. Entretanto não há uma hipótese mais provável. Alguns autores tais como Viegas, Bisol e Cruz (VIEGAS, 2001, BISOL, 2009, CRUZ et al, 2010⁶) assumem que o alçamento de alguns itens tem explicação através do léxico. A tese de doutorado de Viegas (VIEGAS,2001), sobre o alçamento vocálico, tem como suporte teórico o modelo de difusão lexical proposto por Wang e Lien (WANG e LIEN, 1993). Nas suas conclusões constata que algumas palavras propiciam a mudança, outras não, e que há influência da frequência e também do próprio falante. A maioria das pesquisas afirma que, estatisticamente, os condicionadores sociais não são relevantes para a variação da pretônica, mas isso ocorre em função da significância estatística. Em alguns trabalhos encontram-se índices de favorecimento do fator escolaridade como em Freitas (FREITAS, 2001) no – Pará, em outros de faixa etária e gênero.

⁶ Trabalho apresentado em congresso, cedido gentilmente pela autora.

Nenhuma pesquisa variacionista aponta fatores muito diferentes, apenas a tese de Sandra Marques, 2006, Investiga a variação das pretônicas no Rio de Janeiro, na fala de imigrantes paraibanos, a luz da teoria do contato dialetal de Trudgill (TRUDGILL, 1986) e Teoria da Acomodação de Howard Giles (HOWARD GILES, 1973) e conclui que a partir de cinco anos de contato com outra variedade, no caso a fala paraibana com a fala carioca, o falante tende a produzir as vogais médias como fechadas e vai deixando de produzi-las abertas com o passar do tempo. A autora não esclarece se essa perda é total ou parcial, com um prazo maior de contato. Em relação ao dialeto do Sul, Schwindt (SCHWINDT, 1995) observa em sua dissertação de mestrado, que a variação entre /e ~ i/ e entre /o ~ u/ parece ser mais frequente nos casos em que há uma ação conjugada entre vários fatores”. Que fatores seriam estes? O autor não responde esta pergunta, e nenhuma das pesquisas analisadas faz alusão a isso nos anos posteriores.

Uma das inquietações dessa pesquisa era definir o movimento da variação pretônica, se é de /e, o/ → /ɛ, ɔ/ ou de /e, o/ → i, u. Durante esta pesquisa não foram encontrados trabalhos com discussões nesta perspectiva. Há indícios, nos estudos antigos de Naro, Melo e Silva Neto (NARO, 1971, MELO, 1971 e SILVA NETO, 1970) de que as realizações mais fechadas das vogais sofrem a variação de altura.

A explicação através da assimilação do traço [+ alto] na sílaba tônica não se sustenta em casos de variação como *boneca*, *tomate*, pois não há vogal alta na sílaba tônica. Bisol (BISOL, 2009) assume que esses casos podem ser explicados através do léxico. Os trabalhos que têm como suporte a teoria da variação apresentam metodologia e resultados comuns. Não há divergências no que diz respeito aos resultados, mas há uma imensa variação em relação aos aspectos metodológicos. Foi difícil organizar os dados pelo fato de haver muita disparidade quanto aos critérios utilizados pelos pesquisadores variacionistas na seleção dos fatores, principalmente os linguísticos. Observamos que algumas regiões produzem mais estudos sobre o próprio dialeto do que outras e não há diferenças marcantes nos resultados.

Ficou evidente a preferência pela Abordagem teórica variacionista e pelo fenômeno de alçamento vocálico como objeto de análise.

Não se pode dizer sobre a melhor ou a pior análise, todas cumpriram o propósito do pesquisador e as conclusões ficam sempre por conta do leitor. Esses mais de trinta anos de pesquisa sobre o vocalismo pretônico não nos trouxe muitas novidades, entretanto a constância nas investigações ao longo desses anos nos mostra que o processo de variação das vogais médias pretônicas não se alterou. Não houve mudança e nem uma tendência à realização de uma variante em detrimento de outra em um mesmo dialeto.

Mesmo sendo a teoria da variação a que mais deu sustentação teórica às pesquisas, tivemos algumas tentativas de análises fonológicas, que de alguma maneira, buscaram explicar a realização variável das médias pretônicas (figura 3 a seguir). Algumas pesquisas revelaram realizações inusitadas dessas vogais, presentes nos dados do português do Brasil. Amaral (AMARAL,1996), em estudo sobre um dialeto da Região Sul, encontrou as formas *d[e]reitinho*, e *m[e]lagre* e Campos (CAMPOS, 2009) em um estudo sobre o dialeto de Borda do Amazonas, na Região Norte, constatou alçamento em vogais tônicas: *ceb[u]la*, *para cebola*, *cab[u]ca*, *para cabocla*. Estamos diante de casos de variação que ocorre com as vogais médias, que insistem em fugir à suposta racionalidade da estatística, enquanto ciência da previsibilidade. Isso só vem confirmar a complexidade do fenômeno da variação vocálica pretônica no português do Brasil.

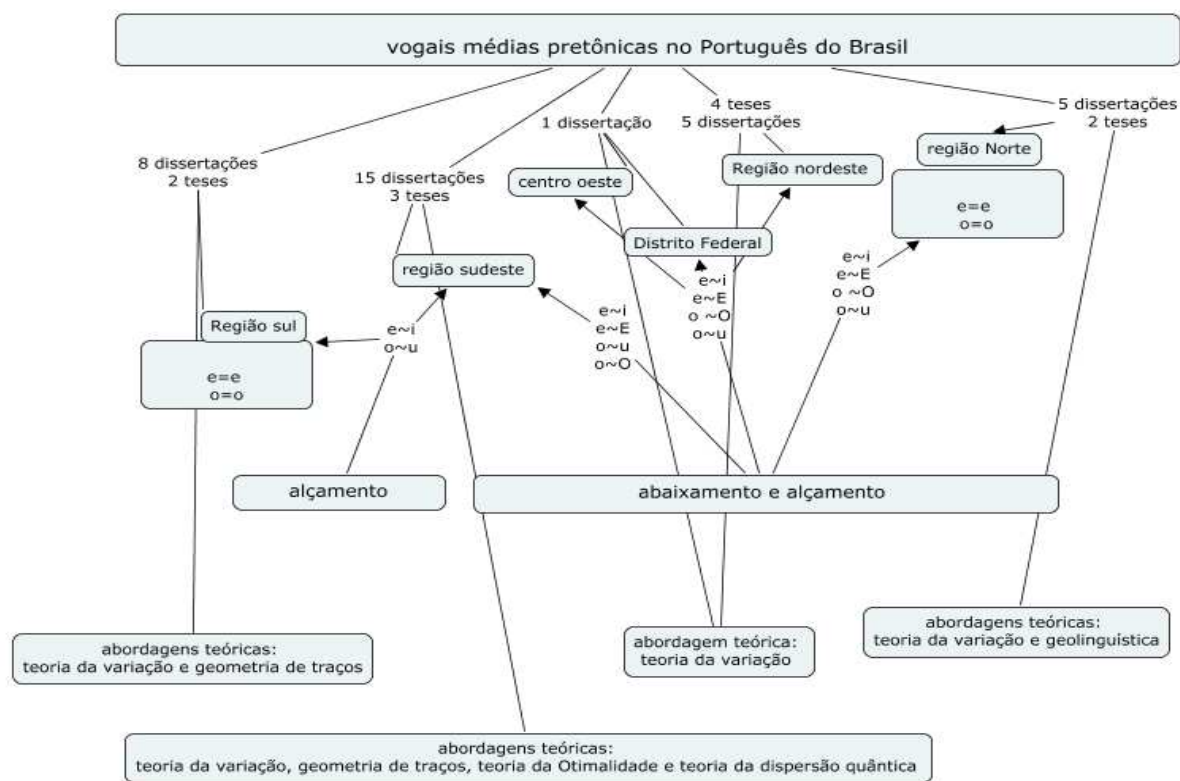


Figura 03 – mapa conceitual: mapeamento dos estudos

O mapa conceitual apresentado, então, mostra a realização das pretônicas em cada região, ainda que nos pareça caótico, ele desvela uma regularidade insistente. As realizações das vogais mais fechadas se concentram nas extremidades do país - Região Sul e Norte. Há uma tendência à predominância da manutenção da vogal como fechada na região norte do Brasil, embora ocorram as três realizações. Na Região Sul, diferentemente do Norte, não há realização de vogais médias baixas (CRUZ, 2012, p.202)⁷. Ressalta-se que os resultados referentes à parte norte do Brasil concentram-se, basicamente, no estado do Pará. Ainda não temos muitos estudos sobre outros estados do norte do país, como Tocantins, por exemplo, onde não foi encontrada nenhuma pesquisa. Assim,

⁶<http://www.letras.ufmg.br/site/E-livros/VogaisAlemdeBH2012.pdf>

podemos constatar que a divisão proposta por Nascentes está presente no mapeamento (NASCENTES, 1953, p.25). Os dois grupos sul e norte estão demarcados e o “território incaracterístico”, apontado pelo autor na sua subdivisão dialetal, que contempla a região de Mato Grosso e Tocantins, continua assim, pois não encontramos nenhuma tese ou dissertação sobre as vogais nessas localidades.

No universo das pesquisas analisadas, não há respostas sobre o porquê de as vogais médias variarem em todas as regiões do Brasil. Há muitos dados coletados e analisados estatisticamente, mas percebe-se um certo distanciamento do escopo da linguagem como uma atividade verbal, que envolve, principalmente, um espaço geográfico e um indivíduo, nada disso é discutido, de fato, nas pesquisas. O que temos é um vasto inventário de dados, separados por itens lexicais e analisados estatisticamente quanto à ocorrência ou não de variação.

Os estudos variacionistas percorreram um longo caminho na pesquisa linguística sobre o fenômeno de variação e mudança nas línguas. Se agora temos uma história descritiva de como e porque as línguas mudam ou variam, devemos isso aos estruturalistas e às análises estatísticas da Sociolinguística Quantitativa. Muitas pesquisas tentaram explicar a variação pretônica no português do Brasil, seja através da teoria da variação ou através de teorias fonológicas. A minha pesquisa demonstrou que os estudiosos se limitam, quase sempre à descrição dos fatos linguísticos, e não sua explicação. A análise descritiva é um importante componente da pesquisa linguística, mas é urgente um avanço no sentido de, também, explicar o fenômeno.

Diante desse contexto é preciso uma abordagem teórica que apresente as razões que justificam a variação.

Desde 2006⁸, em uma conferência da Anpoll (Associação Nacional de pós- graduação pesquisa em Letras e Linguística), o professor Marco Antônio de Oliveira da PUC-MG (OLIVEIRA, 2006), vem amadurecendo a proposta de uma explicação através de um novo arcabouço teórico, propondo que a variação é licenciada pela arquitetura interna da ‘faculdade de linguagem’, e que a variação

⁸Conferência ministrada na Anpoll em 19 de julho de 2006.

linguística é propriedade da língua materna. Isto é, nenhuma análise estatística ou teoria fonológica seria capaz de explicar porque ocorre a variação.

Em um artigo de 2011, Oliveira (OLIVEIRA, 2001) apresenta um novo direcionamento para o estudo das pretônicas. No seu texto, assume que:

“a forma fonética específica, atribuída a um item lexical específico da classe /e,o/ pretônico é função de uma combinação de atratores: a região em que a variedade é falada, o item lexical, o indivíduo e, provavelmente, algum outro atrator Z (p. 637)”

Nessa perspectiva, o autor apresenta uma proposta de análise através da teoria da complexidade (que será mais detalhada na próxima seção). Esta teoria, oriunda da física, tem como um dos seus conceitos básicos a ação de atratores⁹. Nesse mesmo artigo Oliveira conjectura a possibilidade de uma solução para a variação fonológica, através da atuação atrativa de determinados fatores. Isso possibilitaria estabelecer um padrão de comportamento para as vogais médias pretônicas, a partir da identificação de aspectos linguísticos e não linguísticos, que agem na realização das vogais como altas ou baixas.

Em artigo mais atual finalmente o autor (OLIVEIRA, 2013)¹⁰, assume que essa nova abordagem teórica é necessária, para que se explique a alternância vocálica e deve contemplar a linguagem como um sistema adaptativo complexo¹¹. E assim, explicar os fenômenos de elevação e abaixamento das vogais médias pretônicas, considerando os fatos da variação e mudança em termos da teoria da complexidade. Na próxima seção apresento indicativos de que, de acordo com o panorama sobre as vogais pretônicas apresentado nessa pesquisa e a proposta de análise apresentada por Oliveira, a teoria da complexidade, talvez possa mesmo, ser capaz de explicar o processo variável das vogais pretônicas médias nos dialetos estudados.

2. Possibilidades de uma nova abordagem: teoria da complexidade

⁸ De acordo Larsen-Freeman; Cameron, 2008, denomina-se atratores, um ponto ou um ou conjunto de pontos que representa as várias condições de estabilidade possíveis de um sistema dinâmico.

⁹ Este artigo, até o momento da redação desse artigo, ainda não havia sido publicado. Texto cedido, gentilmente, pelo autor

¹⁰ De acordo com o autor, sistema adaptativo complexo é constituído por um conjunto de componentes que interagem, entre si, de modo definitivo, que se auto-organizam, conduzindo a um comportamento final que é complicado, organizado e imprevisível (grifo meu).

Por que a Teoria da complexidade? Todo esse estudo atesta a maior falha: dessas pesquisas ao longo desses anos: não responde à pergunta que buscamos o tempo todo – por que há alternância na realização das vogais pretônicas no português do Brasil? A teoria aqui considerada mostra-se como possibilidade para uma nova abordagem que talvez preencha as lacunas deixadas nas pesquisas.

Os estudos que envolvem sistemas complexos, Teoria do Caos ou Complexidade são recentes nos estudos linguísticos do Brasil, e fundamentam, mais especificamente, os estudos em Linguística Aplicada. Em alguns textos encontramos denominações diferentes para se referir a tal teoria: como Teoria de Sistemas Dinâmicos (TSD), outros como Teoria dos sistemas adaptativos complexos (TSAC), e ainda, como Teoria do Sistema não-linear. Dependendo da ênfase teórica de cada autor, estes termos podem transmitir diferentes características dos sistemas em análise. Os autores mais citados, são os que trabalham com a aprendizagem de línguas (LARSEN-FREEMAN, 1997, 2007), (CAMERON, 2008a, 2008b), conforme Lima Junior, (LIMA JUNIOR, 1984, p.201). Segundo esses autores, a teoria da complexidade lida com o estudo de sistemas complexos, dinâmicos, não-lineares, sistemas emergentes, às vezes caóticos e adaptativos (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008a, p.4). O termo *sistema*¹², refere-se a um conjunto de componentes que interagem entre si e formam um todo integrado e coerente. O termo *complexo* refere-se ao fato de um sistema ser formado por vários componentes, apresentando relações de interdependência entre os mesmos. Os sistemas são considerados dinâmicos porque tendem a mudar com o tempo, são adaptativos, porque se mantêm e se ajustam às mudanças que ocorrem em seus ambientes. São, ainda, não-lineares, porque uma determinada variação não implica correlação com outras variáveis. São sistemas emergentes porque novos subsistemas podem surgir com o tempo. A língua como sistema dinâmico satisfaz a definição de complexidade, pois é composta de subsistemas, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, etc, que são interdependentes e que interagem uns com os outros e com o meio ambiente, no uso social da linguagem, e podem provocar alterações no sistema. De acordo com Dewaele a teoria da complexidade examina a síntese dos fatos que emergem, estudando as interações

¹²De acordo com o *Complex Systems Glossary*. <http://www.calresco.org/glossary.htm>, acessado em 10/08/2013).

individuais entre os componentes que agem e reagem de acordo com o ambiente ou outros agentes e características do próprio ambiente. Nos dialetos do norte e nordeste, não observamos equilíbrio entre a realização das pretônicas. Ao contrário do que ocorre na região Sul, onde as vogais se realizam como fechadas, com oscilações de alçamento. Ao analisarmos à luz da teoria da complexidade, podemos dizer que quando sistemas dinâmicos estão longe de seu equilíbrio, percebemos uma reestruturação espontânea, quando o sistema está perto do ponto de equilíbrio, como ocorre na Região Sul do Brasil, há uma certa estabilidade com pequenas flutuações. De acordo com os estudos de Larsen-Freeman (LARSEN – FREEMAN, 1997) os sistemas dinâmicos avançam através do tempo e do espaço e sofrem alterações provocadas por atratores. o padrão para o qual um sistema dinâmico se direciona é chamado de atrator. Assim, na teoria da complexidade, os atratores se destacam como a representação das várias condições que possibilitam uma tendência a um determinado comportamento, uma determinada forma. Se essa forma se move para direções atrativas, elas se equilibram. O fato de, nas pesquisas sobre o vocalismo pretônico, encontrarmos muitas análises considerando o contexto fonético consonantal como favorecedor para a alternância vocálica, isso significa que é possível que alguns desses contextos sejam atratores para a produção variável da vogal média. Nos exemplos apresentados por Silva (SILVA, 2009) na pesquisa de Teresina, o abaixamento parece ser mais influenciado pela consoante dorsal seguinte, ou seja, as consoantes dorsais são atratores para a realização da vogal média como baixa, em posição pretônica (*perseguir, permanecer*,).

Lewin (LEWIN, 1994, p.65, apud Paiva, 2005, p.4)¹³, diz que muitos sistemas dinâmicos apresentam três tipos de atratores, que OLIVEIRA (op.cit.: 9) denomina de *fixed point*, *limit cycle* e *strange*. Através do atrator *strange* é possível explicar a heterogeneidade apresentada na meta-análise, pois conforme Oliveira, as regiões geográficas atuam como atratores *strange*. A *figura 1* - mapa conceitual - apresenta uma tendência à influência da área dialetal, o que não foi explorado nas pesquisas.

¹³Disponível em: <http://clear.msu.edu/clear/newsletter/files/fall2005.pdf>. Acesso em 25 de nov. 2010.

A variação que ocorre nas vogais médias pretônicas no dialeto mineiro é bastante intrigante, se comparado com os resultados do que ocorre na Região Sul. Parece-nos que há um percurso em que as vogais vão ampliando o seu escopo de variação, enquanto no Sul ocorre a elevação, em Minas Gerais inicia um processo de abaixamento que vai seguindo em direção ao Nordeste para novamente se curvar na região Norte.

Ao longo desse trabalho, através das pesquisas realizada nas várias regiões, pude observar que as vogais pareciam traçar uma linha de variação do sul em direção ao norte do Brasil. Através dos resultados que os pesquisadores encontraram em cada dialeto estudado, percebe-se uma tendência à preservação das vogais médias fechadas em direção ao alçamento e deste para o abaixamento. Esse processo se inicia na Região Sul, aparece em parte do Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), se apresentando mais rebaixadas em Minas Gerais e no Espírito Santo, avançando em direção ao Nordeste e, novamente, se fechando, na Região Norte (pesquisas do Pará mostram um percentual alto de vogais fechadas), descrevendo um movimento circular.

Alguns estados da região norte (Acre e Rondônia) e boa parte do centro-oeste não foram contemplados nas pesquisas, dessa forma, não é possível afirmar se nessas regiões ocorre abaixamento na pretônica.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo identificar, por meio da meta-análise, as diferenças e semelhanças entre as características apontadas como responsáveis pelos dois fenômenos (alçamento e abaixamento) que ocorrem com as vogais médias [e] e [o] quando elas tornam-se altas ou baixas em posição pretônica.

O estudo de meta-análise apresentou resultados muito heterogêneos, mas possibilitou uma visão das pesquisas como um todo e nos permitiu perceber que todos os fatores selecionados pelos pesquisadores, de alguma maneira, exercem influência na realização das vogais pretônicas. Não ser estatisticamente significativo não quer dizer que determinado fator não tenha nenhuma atuação no processo variável da pretônica, ele pode ter sido descartado pelo programa

estatístico, mas é relevante na análise, pois atua na variação. Mesmo com amostras muito pequenas, em algumas pesquisas, o gráfico *forest plot* nos possibilitou visualizar onde ocorre com mais frequência, determinada variante. Após a exploração de todas as pesquisas copiladas na minha tese, a conclusão que se chega é de que nenhuma estatística e nenhuma teoria fonológica consegue ir além de descrever os fatos.

A variação linguística é a consequência imediata e inevitável do uso da língua, daí o fato de uma comunidade linguística ser heterogênea. O “falante/ouvinte ideal”, presente nas pesquisas chomskianas, conhece perfeitamente a sua língua. São os falantes individuais em interação uns com os outros que fazem a língua acontecer. O que Oliveira (OLIVEIRA, op.cit,2011) diz é que há uma estrutura subjacente ao comportamento linguístico individual dos falantes, ou seja, o conhecimento da própria língua, quer no nível intraindivíduo ou compartilhados na sua comunidade de fala. A meta-análise mostrou que na maioria das pesquisas analisadas o que encontramos não foi algo definitivo. Algumas conclusões dos estudos mencionaram o léxico como algo a ser investigado. Os resultados aqui encontrados e a lista de itens apresentados nas pesquisas revelam que as escolhas pela realização da vogal se concretizam em/e,i,ɛou/, como afirma Oliveira (op.cit), essas escolhas são determinadas por diferentes fatores, como a região onde a variedade é falada”, “o item lexical”, a pragmática, os aspectos prosódicos, “o indivíduo”, o contexto fonético e outros (como a 1ª entrada lexical - a primeira vez que o falante ouviu tal palavra ela tinha aquela forma), que pode acontecer com as crianças no processo de aquisição da fala.

A viagem empreendida neste estudo, revelou aspectos instigantes e, ao mesmo tempo, sem a correspondente resposta teórica. A perspectiva panorâmica, numa analogia com o termo empregado em fotografia, busca um enquadramento total, uma visão ampla. As particularidades que emergem são sempre uma percepção do indivíduo que é exposto àquela totalidade. Nesse sentido, posso concluir que esta pesquisa não terminou. Muitos estudos ainda poderão analisar o quadro pretônico no português do Brasil sob novas perspectivas teóricas.

Um panorama é uma visão geral, os detalhes se apresentam para quem lê. As escolhas serão sempre suspeitas, cabe à cientificidade a fuga aos juízos de

valor e à busca da objetividade. Este artigo é apenas uma referência à totalidade da pesquisa em forma de tese, se proporcionar uma introdução àqueles que desejam conhecer a produção acadêmica acerca das pretônicas, levando em conta, minha subjetividade e, por conseguinte, minhas falhas como pesquisadora, sejam bem - vindos.

Abstract: This article is part of my doctoral thesis, defended in 2013, oriented by prof.Dr.Seung Hwa Lee. Investigate the results of the analysis of research masters and doctoral level in the period 1980-2012, about middle vowels in pretonic position in Brazilian Portuguese, which now take place as [e ~ ε ~ i] e [o ~ ɔ ~ u] in various dialects of Brazil. The research was supported by a methodology called Synthesis Research (NORRIS and ORTEGA, 2006) and the statistical feature of the meta-analysis (GLASS, 1977). I discuss the results of investigations on the pretonic vocalism that had to support the theory of variation, referenced by William Labov, in the 60s and 70s 28 dissertations and 10 doctoral theses were used as references, covering almost all regions of Brazil.

Keywords: Vowels Pretonic. Meta-analysis. Variation.

Referências

- AMARAL, Luis I. C. **O abaixamento do /i/ e /u/ no português da campanhagaúcha**.1996. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul.
- BISOL, Leda. **O alçamento da pretônica sem motivação aparente**. In. Português do Sul do Brasil: variação fonológica. Porto Alegre. Edipurs, 2009: 73- 92.
- CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **As vogais pretônicas no falar carioca**. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n.5, dez, 1986.
- COOPER, Harris and Hedges, Larry. **The handbook of research synthesis and meta-analysis**. New York, Jeffrey C. Valentine, editors.-2nd ed. 2009.
- DEWAELE J.-M., 2001, « **L.apport de la théorie du chaos et de la complexité à la linguistique** », La Chouette n° 32, publication du French Department School of Languages, Linguistics and Culture, Birkbeck, University of London, pp.77-86, disponible sur www.bbk.ac.uk/lachouette.
- GILES, H.; TAYLOR, D. & BOURHIS, R. Toward **a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data**. *Language in Society*, 2, 1973, p. 177-192.

GLASS GV. **Primary, Secondary, and Meta-Analysis of Research.** Educational Researcher. Vol.: 5, 1976. Disponível em: <http://edr.sagepub.com/content/5/10/3.extract>. Data de acesso: 22/10/2011.

_____. Smith, M. **Meta- Analysis of Psychotherapy outcome studies.** American Psychologist, September, 1977. Disponível em www.csrp1.hku.hk/files/975_3792_927.pdf). Data de acesso: 22/10/2011

LABOV, W.; **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARSEN-FREEMAN, D. **Chaos/complexity science and second language acquisition.** Applied Linguistics, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LEE Seung-Hwa **Sobre as vogais pretônicas no Português Brasileiro.** Estudos Lingüísticos, Araraquara, v. 1, n. 35, p. 166-175, 2006.

LIMA JUNIOR, Ronaldo Manguiera. **Complexity in second language phonology acquisition.** Rev. bras. linguist. apl. [online]. ahead of print, Epub June 11, 2013. ISSN 1984-6398.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil.** Série Universidade. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1971

NARO, Anthony J. **The history of e and o in Portuguese: a study in linguistic drift.** Language, Baltimore, v.47, p.615-645, 1971.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. 217p.

NORRIS J. and ORTEGA L. , **Synthesizing Research on Language learning and Teaching.** Philadelphia: John Benjamins, 2006.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Variação fonológica: o indivíduo e o léxico como atratores na perspectiva dos sistemas complexos.** In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Org.). *Línguas Pluricêntricas-Variação linguística e dimensões sócio cognitivas.* Braga: ALETHEA - Associação Científica e Cultural, 2011, v. 01, p. 669-680.

_____. LEE, Seung-Hwa. **Teorias fonológicas e variação linguística.** Estudos da linguagem. Vitória da Conquista, n.3, p. 41-67, 20011.

_____. **A variação fonológica na perspectiva da linguagem como sistema adaptativo complexo.** (no prelo)

PAIVA, Vera Menezes de Oliveira. **Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos**.2005,p.4. Disponível em: <http://clear.msu.edu/clear/newsletter/files/fall2005.pdf>. Acesso em 01 de setembro 2014.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país:uma análise variacionista**. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

SILVA. Ailma Do Nascimento.**As Pretônicas No Falar Teresinense**.2009.236fs. Doutorado (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009

SILVA NETO, Serafim da Silva. **História da Língua Portuguesa**. Livros de Portugal. Rio de janeiro, 1970

TONDINELI, Patricia Goulart. **A variação fonética das vogais pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG**.2010,195f.. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.2010

TRUDGILL, P. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 257f.Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.2001.

WANG, W.; LIEN. **Bidirectional diffusion in sound change**. In JONES, Charles (Ed.),*Historical Linguistics: problems and perspectives*. Londres: Longman, 1993.

WETZELS, W. L. **Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental**. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 21, p. 25-58, 1991.

_____. **Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese**. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 19-55, 1992.

_____. **Mid-vowel Alternations in the Brazilian Portuguese Verb**.*Phonology*12. 1995.

Texto científico recebido em: 09/09/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.